

Bunker glocal: configuração majoritária sutil do imaginário mediático contemporâneo e militarização imperceptível da vida cotidiana

Eugênio Trivinho¹

RESUMO

Bunker glocal – esta expressão heterodoxa – é o fundamento mediático do processo civilizatório contemporâneo. Sua análise no âmbito da teoria social e da comunicação apreende o principal aspecto de sua múltipla significação social-histórica: a militarização velada da existência humana no contexto civil da era digital. Ao materializar essa injunção teórica, o presente artigo detalha os vínculos inextricáveis entre processo de bunkerização ampliada, imaginário social e fenômeno glocal (além do global e do local), para, em conclusão, qualificar o *bunker glocal* como linguagem matricial de equivalência generalizada na cibercultura.

Palavras-chave: Comunicação; cibercultura; *bunker glocal*; processo de bunkerização; militarização velada da vida social.

ABSTRACT

Glocal bunker – this heterodox expression – is the mediatic fundament of the contemporary civilizing process. Its analysis within the ambit of social and communication theory apprehends the principal aspects of its multiple social and historical meaning: the covert militarization of human existence in the civil context of the digital era. By materializing this

1 Professor do Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PEPGCOS-PUC-SP) e coordenador geral do Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Comunicação e Cibercultura (CENCIB) nessa instituição. Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

theoretical injunction, this article details the inextricable links between the expanded bunkering process, the social imaginary and the glocal phenomenon (beyond the global and local), and concludes by qualifying the glocal bunker as a matricial language of generalized equivalence in cyberculture.

Keywords: *Communication; cyberculture; glocal bunker; bunkering process; covert militarization of social life.*

FOSTE MINHA MORTE:
pude deter-te
enquanto tudo me escapava.
 Celan (1999: 127)

I Nota introdutória

Recente fase da trajetória teórico-epistemológica a que pertence o presente estudo trouxe a público, anos atrás, uma argumentação detalhada sobre as relações sutis entre comunicação digital e campo da guerra, em sua múltipla articulação com o imaginário social, relações estas urdidas na figura do *bunker glocal* e de sua *refração processual estendida*, a *bunkerização glocalizada da existência humana e da experiência cotidiana na civilização mediática avançada*.²

Tratava-se, na ocasião, de fazer a dissecação crítica da significação social-histórica de ambos os fenômenos processuais. Para tanto, o texto de base levou às últimas conseqüências a mobilização da categoria do *bunker* em ciências humanas – originalmente feita por Paul Virilio (1975) e, anos depois, em versão figurada e vinculada ao *cyberspace*, por Kroker & Kroker (1995) – para a compreensão da forma social da existência na cibercultura, tomada esta em sua acepção mais ampla, equivalente à *fase virtual do capitalismo tardio*.³

No arco de caracterização do *bunker* como metáfora cognitiva para tensionar as condições infotecnológicas do social, o texto propôs as noções antes mencionadas, de *bunker glocal* e de *bunkerização glocalizada*, em suas conformações tipicamente ciberculturais, e os subordinou, teoricamente, a duas inflexões: em primeiro lugar, associou a sua fenomenologia ao desdobramento ampliado e à complexização do imaginá-

2 A versão sinóptica da argumentação foi publicada na revista *Fronteiras: estudos midiáticos*, nº 1, vol. VII (São Leopoldo, p. 61-76, abr. 2005), editada pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos-RS. A versão completa foi inserida em Trivinho (2007a: 279-320).

3 Sobre a noção de capitalismo tardio, vejam-se, de modo conjugado, Mandel (1985), Habermas (1980) e Jameson (1997: 27-78).

rio mediático contemporâneo; e, em seguida, relacionou-os ao campo bélico e à morte simbólica, como via de melhor apreensão da militarização imperceptível do processo civilizatório atual.

Nessa esteira, a argumentação se propôs a desmontar algumas falácias correntes: 1) a de que o argumento mais apropriado às condições social-históricas do presente era aquele bifurcado entre global e local; 2) a de que o espaço geográfico havia sido completamente superado em favor do tempo real; 3) a de que a comunicação, sendo sustentáculo do regime democrático e da liberdade de expressão, constituiria processo absolutamente civil; e, por fim, 4) a de que o contexto de interface interativa, prevalecendo civil, seria total e indiscutivelmente inofensivo, “lavado” de qualquer problema, fadado a vigorar como reduto exclusivo de homeostase lúdica, de condutibilidade pré-simbólica entre ente humano, objeto tecnológico e rede em tempo real – entre outras mitificações e/ou ingenuidades que acompanham a proliferação social dos *media* digitais.

O presente estudo mantém com a argumentação pregressa uma relação de contextualização social-histórica, complementação temática e reescalonamento teórico e epistemológico. O avanço compreensivo agora implementado se traduz numa proposta de interpretação múltipla da significação social-histórica do *bunker*, tomado, nomeadamente, como: 1) cicatriz cifrada do processo bélico, memória autodesveladora do imaginário da guerra; 2) sintoma cultural e transpolítico sutil da mentalidade de refúgio; 3) ambiente tecnocultural e subjetivo socialmente fractalizado; 4) imaginário epocal típico; e 5) linguagem matricial de equivalência geral.

Essas entradas de interpretação, conexas em nível imanente, perfazem, pois, no todo, novas considerações sobre a *militarização velada da vida cotidiana*, foco prioritário que, mais além de qualquer outro, insere a reflexão no quadro de fundo condicional de uma crítica teórica e epistemologicamente renovada do *modus operandi* da *civilização glocal*, conforme esta se apresenta em sua configuração social-histórica mais recente, a cibercultura.⁴

⁴ Para todos os efeitos analíticos, o estudo precedente prevalece, com efeito, como fonte fundamental de detalhamento sobre a temática.

II**Bunker e processo de bunkerização****1. Configurações sociais do bunker
Bunkerização generalizada**

Como se sabe, o termo *bunker* nomeia, *grosso modo*, o receptáculo militar logisticamente distribuído no território geográfico, na forma seja de um cinturão fortificado e fixado abaixo da superfície do solo, seja de uma construção inteiramente subterrânea, ambos destinados ao cumprimento de finalidades estratégicas de proteção, defesa e/ou resistência contra investidas ou projéteis inimigos em contextos de guerra e, simultaneamente, à provisão de condições materiais para a progressão espacial em arremetida de contra-ataque (Trivinho 2007a: 307).

Por mais forte que seja a imagem do *bunker* quando transposta para o entendimento da dimensão civil (ou pretensamente civil) do social-histórico (ibid.: 307-308), trata-se de uma metáfora cognitiva inegavelmente adequada e expressivamente ilustrativa em razão da própria natureza das tendências sociotecnológicas e mediáticas do atual processo civilizatório.

O desolador cenário mundial egresso de tensões contínuas entre as quatro vertentes ideológicas hegemônicas no século XX – liberalismo, socialdemocracia, marxismo-leninismo e nazifascismo – contribuiu para a multiplicação incontrolável dos *modos de manifestação social do bunker*. Duas longas guerras mundiais, brandidas pela racionalidade científica e pelo cálculo técnico (recursos outrora previstos pelo projeto moderno para a emancipação da espécie); totalitarismos europeus de direita e de esquerda, não menos sanguinários que as diversas ditaduras latino-americanas e africanas; campos de concentração na Europa e na Rússia; devastação atômica em Hiroshima e Nagasaki; desenvolvimento irrefreável de armas nucleares, químicas e biológicas; conflagrações bélicas granuladas em todos os continentes; degradação acentuada do meio ambiente; contaminação radioativa acidental; deterioração das condições de vida em metrópoles e cidades-satélites; proliferação de novas doenças sem cura completa; insegurança e incerteza generalizadas,

e assim por diante – esse rol de fatores críticos encadeados [todos eles implicados, vale lembrar, na perda de credibilidade da modernidade e no advento da cultura pós-moderna] (Trivinho 2001: 45-49) responde pelo alargamento incomensurável das *dimensões materiais, simbólicas e imaginárias do bunker* no âmbito social-histórico. Após a sua definição mais acabada – não casualmente na primeira metade do século mais beligerante da história ocidental –, o fantasma do *bunker* converteu-se no filamento que sutura, de ponta a ponta, a vida social e cultural contemporânea. Seu processo ativo, a bunkerização, a um só tempo sua fonte e sua derivação, articula a subjetividade, o inconsciente e o comportamento, bem como a relação com o real, com a cidade, com o outro e com o si-próprio.

Nessa perspectiva, o *bunker* vigora como síntese representativa e alusiva de várias tendências político-econômicas e socioculturais e de diversos arranjos situacionais. A princípio, o hipostasiamento da figura do *bunker* no tecido social assume cinco configurações básicas: geográfico-arquitetural, espaço-ambiental, físico-objetal, prático-procedimental e psíquico-relacional. Adiante (no tópico III), ver-se-á que a mediatização em tempo real do *bunker* gesta um sexto tipo, a sua configuração última, o *bunker* glocal (de massa, interativo e/ou híbrido). Tais configurações cobrem, praticamente, todos os exemplos possíveis de (procedimentos de) bunkerização da existência humana e da experiência cotidiana, dos quais merecem necessariamente destaque: 1) a formação de condomínios fechados; 2) a hiperconcentração de lojas em shoppings centers; 3) o refechamento mega-arquitetural dos clubes de esporte e lazer; 4) a colonização individualista do automóvel; 5) o asseguramento eletrônico de sedes corporativas, órgãos/repartições estatais e praças/vias públicas por meio de circuito integrado de câmeras de vigilância e controle de movimento; 6) o hábito de consumo, entretenimento e aprendizado no e a partir do *cyberspace*, de par com a prática *online* da sociabilidade; 7) a validação (sem maiores problemas) da transformação da alteridade concreta em alteridade virtual, com o conseqüente tratamento daquela como espectro (informação, imagem e/ou som) (Guillaume 1982, 1989a, 1989b), e assim por diante. *No limite*, nutrem-se, hoje como outrora, do

mesmo regime de fatoraço: 8) a progressiva verticalizaço arquitetônica das megalópoles, metrópoles e cidades-satélites (sob o empuxe – que pode ser entendido como álibi – da superconcentraço populacional); 9) a convencional forragem de portas e janelas residenciais com grades de ferro; e 10) a constituição e/ou intensificaço de blocos econômicos transnacionais (NAFTA, Mercosul, UE, ALCOM, APEC, ASEAN, ALCA etc.)⁵. Em particular, reforça, a peso de ouro, essa tendência de bunkerizaço das relações sociais: 11) o *boom* dos cenários (supostamente privados) trazidos pelas *webcams* a partir dos anos 1990, com a consequente privatizaço do olhar íntimo do outro e exploraço (não raro com fins comerciais) da nostalgia da exclusividade/privacidade sob a forma do interesse de espreita do comportamento alheio.

2. Cicatriz pantópica cifrada do processo bélico

Do *bunker* arquitetônico ao *bunker* residencial, do comercial ao esportivo e lúdico, entrecortados pelo automotivo – enfim, do *bunker* sedentário (em todas as suas variaço) ao *bunker* nômade –, vê-se, no e pelo pontilhado não-linear desse *encadeamento estrutural intra-remissivo* (que empenha até mesmo intervalos e interstícios), o quanto o *bunker* comparece como *cicatriz pantópica cifrada do processo bélico* que recorta a vida social desde as primeiras décadas do século XX – na perspectiva concebida por Virilio (1975; 1984b). Como cicatriz, o *bunker*, construção social pontual, e a bunkerizaço, processo de espalhamento *ad infinitum* desse arranjo específico, não representam senão, em outras palavras, o hipostasiamento, em solo civil, de fatores representativos do campo da guerra. Ao nível do fundamento fenomenológico do processo civilizatório, eles representam a *memória insubordinada da inexistência de fronteiras entre o militar e o civil, vis-à-vis*, entre o estado (virtual) de guerra e a condiço (formal e prolongada) de paz.

5 Respectivamente, North America Free Trade Agreement, Mercado Comum do Sul, União Européia, Acordo de Livre Comércio do Oriente Médio, Asia-Pacific Economic Cooperation, Associação das Naço do Sudeste Asiático e Área de Livre Comércio das Américas (ainda não consolidada).

Não por outra razão, o *bunker* encerra um paradoxo: *construção sígnica ostensivamente eclipsada*, ele é a *linguagem bélica generalizada e simultaneamente obnubilada* da fase contemporânea do capitalismo.

Em detalhes extensivos, com foco no processo de disseminação em jogo, a bunkerização representa, de dentro do e a partir do universo civil da vida social, a *macromilitarização invisível da existência e da experiência humana hodierna* (Virilio 1975; 1978; 1984a; 1984b; 1996a; 1996b; 1996c e Trivinho 1999: parte I, cap. III; 2001: 67-70, 229-227; 2007a: 279-320). Essa equivalência fundamental, por sua vez, não pressupõe senão o vínculo entre a construção *bunker* e a *violência social obliterada*, que, entranhada na vida cotidiana, se desdobra na *forma sofisticada e difusa da violência da técnica*, realizada como arranjo epocal determinado (Trivinho 2007a: 39-40, 45-87).

3. Equação sociofenomenológica do bunker **Memória autodesveladora do imaginário da guerra** **Imaginário bunker**

Essas relações entre *bunker* indicial, militarização velada e violência obliterada podem ser mais aclaradas ao se tensionar outro significativo fio do problema, em cuja ponta inicial consta a *equação sociofenomenológica do bunker* (isto é, o ciclo vicioso de fatores fundamentais que sustentam a sua reprodução histórica) e em cuja trajetória comparece, com peso irrestrito, o imaginário social [aqui tomado na perspectiva de Castoriadis (1986), como um imaginário permanente instituinte e instituído].

A equação sociofenomenológica do *bunker* tem, em sua singeleza empírica, marcadores bem definidos (e que podem, aliás, ser depreendidos e expostos a começar não importa por qual deles), conforme segue, *grosso modo*:

1) dada a bunkerização como pressuposto do processo civilizatório atual, o cumprimento dos objetivos da ação social (de interação, de locomoção, de aprendizagem, de consumo, de entretenimento etc.) se realiza sob o *a priori* de um “fechamento” necessário, aquele do *bunker*; em outras palavras, a liberdade e a diversificação das práticas sociais cons-

tam garantidas⁶ desde que condicionadas à precedência de um claustro típico; vice-versa, o “fechamento” como retaguarda ou quadro *sine qua non* de fundo, chancela o estar e o agir (*vis-à-vis*, o pensar e o ser) no mundo;

2) essa lógica – a da preexistência fundamental da bunkerização –, por sua vez, se nutre de ao menos quatro fatores contextuais (cuja eficácia está realmente longe de ser desprezível): a) uma espécie de medo socialmente difuso, inespecífico e sem objeto (Jeudy 1979; Trivinho & Lopes 2000: 33-75); b) a lassidão corporal/cerebral e psíquica crônica por sobrecarga de atividades, responsabilidades e/ou desejos continuamente não realizados, na esfera do trabalho e na do tempo livre; e ainda pela necessidade compulsória de embate diário e direto com condições urbanas adversas;⁷ c) o hedonismo do tempo real, comodidade socio-técnica e mental ligada à prerrogativa da instantaneidade da ação a distância como *habitus* banalizado na civilização mediática; e/ou d) um regozijo íntimo e sem culpa em resguardar-se, pura e simplesmente, no quanto possível, da roda-viva das ruas, das exigências do outro, da empiria da vida de relação etc.;

3) encorpendo o ciclo, a partilha coletiva desses fatores – mormente o da “fobia normalizada” como psicopatologia a níveis leves e controlados – finca-se no pressuposto da ameaça espalhada no mundo vivido ou, antes, no preceito do mundo como indício de risco pantóptico (isto é, de todos os lados e de lugar algum).⁸

Essa injunção seqüencial de abstrações (ou, se se quiser, fantasmagorias) – em tudo hiperbólicas, embora não socialmente infundadas – explicita como e o quanto o *bunker* e a bunkerização estão entrelaçados à dimensão imaginária da cultura; ou, melhor ainda, como e o quanto o *bunker* e a bunkerização perfazem um vigoroso e imperturbável ima-

6 Consideradas, necessariamente, no caso, condições democráticas formais, sob o amparo jurídico do Estado de Direito.

7 No que tange à esfera do trabalho (industrial e pós-industrial), nada pode dar como equívoca a tese de que essa lassidão é o resultado neuropsicopatológico ulterior da vigência histórica prolongada do princípio de desempenho como forma social-produtivista do princípio de realidade (tal como teorizado por Freud) (Marcuse 1967).

8 Essa temática evoca a reflexão de Lasch (1986) sobre o contexto social-histórico do minimalismo do ego e da consciência. A totalização dos marcadores do ciclo mencionado é feita no item 4 adiante.

ginário de época, tal como desdobrado – reponha-se-o aqui – em suas configurações geográfico-arquitetural, espaço-ambiental, físico-objetal, prático-procedimental, psíquico-relacional e – sobredeterminando todas essas variantes – glocal.

Os contornos desse vínculo osmótico ou confusão operacional são claros e passíveis de descrição concisa. O caráter ameaçador do mundo repõe, diuturnamente, no contexto da vida prática civil, o fantasma do estado potencial de emergência típica da condição de guerra, como se tal espectro permanecesse vívido fora de seu contexto próprio; vale dizer, (essa tendência intimidatória do real) converte a realidade da guerra em imaginário extenso, para além do espaço e do tempo de conflagração, legitimando *per se* o *bunker* a um só tempo como arranjo representativo e figura glacialmente pungente do contexto resultante desse processo.

O *bunker* e a bunkerização encerram, pois, em sua fenomenologia processual e fragmentária, a *memória autodesveladora da inflação cultural total do imaginário da guerra* e, nessa direção, (a memória) de como esse imaginário, imbricando no contexto civil, se mescla com o imaginário pragmático da vida cotidiana na esfera do trabalho e do tempo livre e, também, de como ele fomenta e entretece, como *imaginário bunker*, o estado heterodoxo de emergência – *soft* mas efetivo em suas reverberações – aí instituído.

A lógica existencial do *bunker* e da bunkerização se funda, como visto, num *delírio fetichizado e fetichizante* em relação ao estado geral da vida social. A construção fabulosa por ele representada integra e alimenta uma *metafísica paranóico-pragmática light*, culturalmente consolidada como realidade referencial inquestionável, que sanciona e promove comportamentos conformes.

Evidentemente, os *media* (de massa e interativos) confluem sobremaneira para a reprodução ampliada dessa condição social-histórica. A agenda padrão de sua irrefreável produção simbólica, notadamente a do jornalismo (em todas as suas variantes), jamais fica impune diante da história cultural: ao priorizar o sensacionalismo tautológico de cenários psicologicamente constrangedores – guerras *non-stop*, ataques terroristas, chacinas e homicídios, golpes de Estado, catástrofes naturais, aciden-

tes tecnológicos, situações de calamidade e miséria, dramas humanos de toda ordem, falcaturas e corrupção, e assim por diante –, a agenda mediática acaba por contribuir para a acomodação cultural contínua da atmosfera que funda e, ao mesmo tempo, torna invisível o *bunker* e a bunkerização. As fronteiras anteriormente mencionadas entre civil e militar não devem o seu esboroamento (e conseqüente substituição) senão à vigência desse imaginário bélico pulverizado, facilitado e ratificado pelas redes comunicacionais e por (expressiva parcela de) sua produção simbólica. Em condição formal de paz, a militarização do processo civilizatório ocorre, pois, sob matizes insuspeitados. A forma social (des)figurada do *bunker*, irradiada em contexto civil, é um de seus emblemas cifrados.

4. Sintoma cultural e transpolítico sutil **Defesa incondicional como axioma reativo a priori** ***Bunker* imaginário (I)**

Dada a sua condição de cicatriz e de memória (nos termos assentados), o *bunker constitui sintoma cultural e transpolítico sutil* de processos sociais cuja origem, natureza, profundidade, vínculo com *media* e conseqüências carecem ainda de esforços epistemológicos mais intensos e renovados da teoria social e da comunicação – aspecto problemático que justifica um arrazoado a respeito (preliminar, mas indispensável), em seqüência exclusiva.

Da bunkerização urbana à bunkerização dos espaços públicos e privados, da bunkerização econômico-financeira mundial à das relações de troca concentradas em shopping center, da bunkerização eletrônica de controle à ciberespacial geral, perpassados pela bunkerização do trabalho e do tempo livre, da sociabilidade e do aprendizado, do consumo e do entretenimento e, antes de tudo, articulados pela bunkerização subjetiva e comportamental, o *bunker* sinaliza a vigência universalizada da necessidade de autoproteção, defesa e/ou resistência em condições social-históricas (tidas como) adversas. Se o “fechamento” engendrado pela bunkerização deriva do medo social indefinido em relação ao real, da

lassitude crônica, da facilitação instrumental da instantaneidade e/ou do puro regozijo pelo encasulamento (não somente doméstico), e se essas configurações coletivas da sensibilidade, do inconsciente, do corpo, do comportamento e do hábito pressupõem, a cada caso com maior ou menor intensidade, o imperativo ameaçador do mundo (não importa quão verdadeiro ou falso esse imperativo seja), a equação sociofenomenológica do *bunker* abarca, ao que tudo indica, o acentuado *stress* das melhores propensões humanas em relação à existência concreta, tendência reativa na forma deste *resguardo tático apriorístico* (nem sempre consciente de sua natureza) que organiza e modula a experiência social na vida cotidiana. Uma vez *vestígio indelével do processo bélico e do imaginário social militarizado*, o *bunker*, como não poderia deixar de ser, supõe evidente a atividade desse marcador estrutural. O imaginário *bunker* é, por constituição, um imaginário de desconfiança e de refúgio.

Nesse contexto, importa não perder de vista o estado da arte da matéria: de tão socialmente arraigado, o imperativo da defesa tornou-se incondicional; transcende, hoje, a tônica de qualquer situação social-histórica determinada. Tal naturalização explica, finalmente, o próprio “fechamento” *bunker*. Totaliza-se, assim, a espiral viciosa e mecanicista de fatores que subjazem à lógica sociofenomenológica da *bankerização*: a ameaça do mundo (real ou suposta) que gesta e justifica o medo, a indiferença (voluntária ou involuntária) e/ou o descarte ativo em nome de garantias de sobrevivência chancela o refeitamento em cadeia como forma de defesa ou, em versão alternativa (sem diferença de resultado), compensa o comportamento defensivo que laureia o *bunker*.

O ciclo inteiro – nunca é demais enfatizar – esposa a quimera. A *cena bunker da cultura contemporânea não transcorre no real porque os seus axiomas são cativos do imaginário (social e individual)*. Da ameaça como axioma fetichista ao “fechamento” como axioma responsivo inflexível, entremeados principalmente pelo medo como axioma alarmista e pela defesa como axioma pragmático-reativo, são todas as dimensões do sujeito contemporâneo, não obstante, que se valem e se ressentem do *sprit du temps*: inconsciente *bunker*, consciência *bunker*, sensibilidade *bunker*, moral *bunker*, olhar *bunker* e assim por diante – visão de mundo *bunker*.

III

Comunicação, *bunker* glocal e cibercultura

O fato de parte substancial da explanação anterior tributar sua veracidade ao estirão da civilização mediática a partir da Segunda Guerra Mundial não deveria causar surpresa. Evidentemente, os *media* (de massa e interativos) reconfiguraram, de modo idiossincrático, o *bunker*: satelitizaram-no nas redes de informação e, simultaneamente, aterraram-no um pouco mais em seu próprio reduto; em termos mais precisos, ao entregar-lhe o tempo real e, com isso, horizontes longínquos infinitos, os *media* flexibilizaram-lhe a carga gravitacional e a fixação compulsória no espaço físico, “suspendendo-o”, por assim dizer, dos contextos locais, e o espalharam no e pelo espaço imaterial das redes, sem, no entanto, retirar-lhe totalmente o “chão”.

O desfecho dessa requalificação estrutural converteu, obviamente, o *bunker* numa *mélange* das dimensões predominantes do processo civilizatório na era mediática: ele passou a ser o ponto em que se entrecruzam a sua configuração vicária típica e os fluxos globais da rede. Essa condição não convalida, porém, nem as categorias nem a empiria do global e do local. *O bunker ou é fenômeno glocal ou não o é*. Assentado além do global e do local, o *bunker* resta instalado nessa realidade híbrida – a realidade glocal – que, dada a sua *invisibilidade processual-operatória*, vigora em todos os lados e em *lugar* algum (Trivinho 2007a: 279-320).

1. Fenômeno glocal Glocal como *bunker*

O *fenômeno glocal* e seu desdobramento identitário, a *glocalização da existência e da experiência cotidiana*, foram analisados criticamente em fases anteriores ao presente estudo (Trivinho 2007a: 239-320; 2007b), no âmbito mais geral da cultura mediática e, em particular, na cibercultura.⁹

⁹ Registram-se, a seguir, informações básicas a respeito, a título de concessão de autonomia de sentido ao presente estudo.

Glocal é um neologismo recentemente inserido no campo de estudos em ciências humanas e sociais para sinalizar e tensionar a instauração de uma tendência social, cultural, política e econômica de fusão (pre- tensamente não conflituosa) entre a dimensão global dos fluxos sígnico- mediáticos e a dimensão cultural da miríade de contextos locais de processamento da experiência humana. Esse entrelaçamento inextricável, que a rigor caracteriza a condição planetária dessa experiência desde ao menos a expansão comercial da televisão nas décadas de 1950 e 1960, corresponde a uma realidade de terceira potência, com efeito já amplamente realizada de modo unitário.

Reescrevendo ao inverso sinalizações há pouco feitas, todo contexto glocal, especialmente aquele interativo, próprio da cibercultura, configura-se, em tese, como *bunker* (Trivinho 2007a: 306). Especificamente, esse contexto corresponde à forma mais sutil de organização do *bunker*. O processo de glocalização, em razão de sua natureza, concorre para acomodar melhor sua congênere, a *bunkerização*, no âmbito material, simbólico e imaginário da cultura. Em retorno complementar, o *bunker* se tornou a imagem mais acabada (ou, ao menos, mais recentemente definida) do fenômeno glocal.

2. Cena do *bunker* glocal

Bunker imaginário (II)

O *bunker* glocal perfaz, em sua cena material de praxe, certo arran- jamento da infra-estrutura infotecnológica no perímetro de ação imediata do corpo e da subjetividade, uma disposição objetual-espacial na qual e pela qual o sujeito teleinteragente, “de trás da tela”, resta como que voluntariamente “sitiado” a partir de dentro de sua condição de acesso/ recepção/retransmissão. [A infra-estrutura tecnológica pode ser de tipo tanto convencional, fixada à mesa, pelas adjacências, como portátil (um *notebook*, por exemplo); e o acesso à rede independe se efetivado por cabo, sem fio ou mesmo via linha discada.] Esse *microcinturão mediático*, já pela conjunção majoritária de seus detalhes e de suas injunções – vale dizer, na forma de um abrigo condicional em redoma invisível, supos-

tamente livre de quaisquer ameaças provenientes “do mundo lá fora” –, evoca, indubitavelmente e no limite, a figura de um *bunker*.

Entretanto, o *bunker* que o contexto glocal mais verdadeiramente encarna não se reduz aos elementos empíricos dessa descrição. À diferença de seu congênere remoto (o *bunker* do campo bélico), o *bunker* glocal é – conforme anteriormente sinalizado – uma “realidade” referencial imaginária. Na cibercultura, há sempre *bunker* e bankerização onde se processa relação de resistência ou defesa a partir de um reduto glocal – mediante utilização de quaisquer *media* digitais capazes de rede (telefonia celular, computador, TV interativa etc.).¹⁰ É condição tecnocultural e subjetiva *partout*, vigorando em espaços tanto privados como públicos, por mais que concretamente ela se valide apenas para as *categorias sociais ciberdromocráticas*, aquelas capazes de acesso (tanto mais privado e pleno quanto possível) às *senhas infotécnicas de acesso* à vida social na cibercultura (Trivinho 1999: parte I, cap. V; 2001: 209-227; 2007a: 89-111, 133-180, 213-235). Onde esse *bunker* se encena, para amparar disposições de ou propensões ao refúgio, comparece doravante o processo de glocalização. O refúgio – deve-se bem lembrar – nomeia situação genérica e volátil: não raro cifra a disposição de vivenciar o mundo ou de apropriar a alteridade à distância, via tempo real, mesmo quando se trata do vizinho. De outro ângulo, qualquer cena de autoproteção coincide hoje majoritariamente com o contexto glocal. A convicção cômoda do recolhimento possível se confunde com a vivência desse contexto. Nele, autoproteção não significa corte longitudinal com o “mundo lá fora”; submete-se, antes, com todas as letras, ao desejo de comunicação integral. O *bunker* glocal é, para a mentalidade de refúgio – gêmea da “mentalidade sitiada”, de Lasch (1986; 1991) –, uma *minifortaleza de auto-segurança prazerosa* (não importa se eventualmente ilusória), sob o custo (não raro voluntariamente coberto ou barganhado) da *subordinação do corpo e da subjetividade à tecnologia digital*, em troca de liberdade ilimitada no acesso aos e/ou na recepção/retransmissão de fluxos comunicacionais.

10 A descrição obviamente se valida para cenários em cujo centro figuram *media* de massa (TV à frente). Privilegia-se, na argumentação, com efeito, a empiria objetual e processual da cibercultura. Em ambos os casos, o *bunker* glocal depende, evidentemente, de apropriação social específica da infra-estrutura infotecnológica, aquela voltada para o que se lembra na seqüência.

O *bunker* – convém explicitar – não se configura necessariamente no mesmo lugar. No caso dos objetos infotecnológicos miniaturizados, ele pode se encenar literalmente a partir do corpo. Reponha-se, em termos mais radicais e práticos, o dito: *o bunker glocal não é da ordem do real porque ele se passa na mente dos indivíduos*. Não se trata, portanto, de construção social-histórica com vocação ao sedentarismo (não, ao menos, o de tipo rígido). Antes, no conforto que aparentemente representa para a subjetividade, obseda-a onde quer que ela esteja.

O fio dessa caracterização contém, em seu âmago, a própria definição do *bunker glocal* e de sua refração processual estendida, a bunkerização glocal. Valendo mais a ênfase analítica do que a utilidade ou oportunidade do registro – visto que, a essa altura, ele seria até dispensável –, o *bunker glocal* é uma *ambiência tecnocultural e subjetiva* correspondente a um *vórtice sociotécnico de rede*, em interconexão imanente e instantânea com a sua miríade similar; compreende, portanto, um *trecho contextual fractal do tempo real* que, em espelhamento de sua totalidade comunicacional – a *totalidade socialmente polifaturada e mediaticamente conjuntizada* –, na figura do *processo de glocalização fractalizada do território e do simbólico*, permite explicar-se a si próprio nesse todo, bem como explicar o todo em si próprio. A bunkerização glocalizada, por sua vez, consiste no processo que, a um só tempo, funda o *bunker glocal* e dele, em retorno, deriva, perpassa-o, alimentando-o, e assim o reescala-na, continuamente.

Por certo, a fenomenologia do *bunker glocal* perpassa o célere e expansivo desenvolvimento da civilização mediática em tempo real a partir das primeiras décadas do século XX. Com efeito, adquiriu contornos mais definidos e se tornou completamente evidente somente após a proliferação social de tecnologias digitais e o advento do *cyberspace* no final da década de 1960. Essa circunstância arbitrária da história social da tecnologia, de sua apropriação coletiva e de sua conformação espacial explica por que o conceito de *bunker glocal*, na reflexão sobre as relações entre comunicação em tempo real, campo bélico, imaginário social e território geográfico, é – e não poderia deixar de sê-lo – geralmente identificado com o *bunker interativo*, o *bunker do cyberspace*, o *bunker da cibercultura*,

conforme descrito anteriormente; eis porque, em suma, *bunker* glocal *per se*, em sua configuração mais acabada, remete, no presente estudo, exclusivamente, a esse *bunker* da fase virtual da vida humana.

3. Significação social-histórica do *bunker* glocal

3.1. Radicalização da equação sociofenomenológica do *bunker*

O *bunker* glocal não contribui somente para potencializar e transnacionalizar a relação imanente entre comunicação e imaginário da guerra; ele não se poliu historicamente e se enraizou culturalmente apenas como cicatriz cifrada do processo bélico ampliado e/ou como memória reveladora da própria “civilização” do *bunker*, isto é, de sua domesticação cultural e socialização como artifício aparentemente civil. O *bunker* glocal não sofisticou e otimizou somente – com a força do *mainstream* epocal, o *glamour* mediático – as outras modalidades cidadinas de *bunker*. Este foi o resultado ulterior de um processo maior e mais representativo da significação social-histórica do *bunker* glocal. Cumprindo tais expedientes, esse *bunker* levou às últimas conseqüências *todas* as características e trama de relações da fenomenologia do *bunker* anteriormente assinaladas, ao preço de torná-las talvez irreversíveis.

O *bunker* glocal radicalizou a metafísica paranóico-pragmática vinculada à bunkerização herdada – vale lembrar, o *encadeamento cego e tautológico*, *socialmente cristalizado e historicamente auto-obliterado* constituído pelo postulado da ameaça pantópica do mundo, pela disposição fóbica aplacada, profusa e sem objeto, pela indiferença funcional derivada da lassidão crônica e do conforto mediático e pelo conseqüente “fechamento” tático regado a liberdade pretensamente irrestrita –, que operacionaliza, no nível prático e pré-simbólico da existência, a resposta defensiva (apriorística) aos constrangimentos da vida social presencial. Miúdo em sua forma fractal e contagiante e, ao mesmo tempo, ostensivo em sua quantidade de manifestação extensiva, o *bunker* glocal é, como sintoma cultural e transpolítico, a *sofisticação extremada do delírio absolutamente normalizado que preside a banalização da relação de reserva com o existente*, vale dizer, o *refinamento exponenciado do desespero vital naturalizado e mudo* em favor de proteção permanente e imediata.

Dessa *função social de reforço histórico reescalador* não poderia dimanar senão fato relativamente original: misturando-se com e cumulando-se às formas pregressas de redoma e, ao mesmo tempo, sobrepujando-as em quantidade e valor hegemônico, o contexto glocal converteu-se num *bunker* de traços idiossincráticos e exclusivos.

Em seu arrançamento material, simbólico e imaginário, o *bunker* glocal é a mais sutilmente organizada e incomparavelmente generalizada configuração do processo de atomização sociocorporal levado a cabo no e pelo modo capitalista de relações sociais. De fato, os contextos glociais da cibercultura são, em tudo, concretamente, os mais compatíveis com a fleuma de defesa e/ou resistência em relação ao *environment*, à vida social e/ou ao outro ou, enfim, numa palavra, à materialidade da existência. Especialmente no que se refere ao seu arrançamento no domo, o *bunker* glocal se põe como o *último* (no sentido de *historicamente mais recente*) abrigo da *ilusão de privacidade e intimidade*. Como tal, representa, socialmente, a *ala eletrônica terminal* do frenesi por reserva de individualidade e de individuação, o *asilo histórico heterodoxo* em que a privacidade acabou por se confinar, de forma desavisada, com o objetivo de se precaver do violento embaralhamento entre público e privado, próximo e longínquo, próprio e alheio, imaginário e real (para citar somente tais pares) na civilização mediática, sem ter em conta que o *bunker* glocal, em sendo marcado justamente pela *violência mediática conjuntista* (isto é, que conjuga o diverso no unitário), é o reduto social mais inapropriado de facilitação da redenção do único, do distinto e da autonomia. Não por acaso, esse *casulo interativo* sintetiza aquela *minifortaleza imaginária* (conforme anteriormente retratada) da subjetividade erodida, da razão fragilizada e do comportamento intimidado, carentes de seu contrário, supostamente compensados no universo de potencialidades sociocondutivas dos *media* digitais e do *cyberspace*.

O *bunker* glocal é a *utopia paradoxal do resguardo socialmente produtivo*, aquela de uma *interatuação desimpedida sob confinamento material compulsório* na inverificável “linha de fronteira” com a rede virtual, utopia de apropriação do mundo mediato, do espaço imediato e da alteridade levada às últimas conseqüências no frágil tecido social de um pla-

neta efetiva ou potencialmente devassável em todos os setores. O *bunker* glocal encarna, no âmbito do *cyberspace*, o recrudescimento do *desejo de liberdade de circulação simbólica e imaginária plena sob garantias de custódia física supostamente totais*, numa época em que, bagatelizadas as alfândegas culturais e políticas herdadas da modernidade, recrudesciu-se a moral da (possibilidade de) invasão, em tempo real e em escala ampliada, do terreno alheio. De par com seus congêneres espaciais, subjetivos e comportamentais, o *bunker* interativo – em evocação a um esquema psicanalítico conhecido – repõe, na ordem do dia, por assim dizer, a fantasia melancólica das condições intra-uterinas irreversivelmente perdidas.

3.2. Imaginário hipostasiado e predominante da cibercultura

Se o *bunker* glocal, acompanhando a tendência de seus similares urbano-civis, é, acima de tudo, uma construção social-histórica no plano do imaginário social (Castoriadis 1986), a *mundialização da recepção/intertuação comunicacional atomizada em tempo real* fez dele, em retorno, a *configuração cultural majoritária, predominante e sutil do imaginário mediático contemporâneo*. Essa asserção, em virtude das peculiaridades fáticas e abstratas em jogo, merece explanação detida.

Como refinamento da cicatriz extensiva e velada do processo bélico, da memória dessa militarização ampliada e do sintoma da necessidade social de defesa *a priori*, o *bunker* glocal prevalece, *ele mesmo*, em seu arranjo autopoietico, como uma *espécie de imaginário hipostasiado ou, se se quiser, automatizado diretamente no estrato prático da existência e, como tal, cativo de sua natureza pré-simbólica*. Não obstante, o *bunker* glocal não constitui – como num jogo dissuasivo de palavras – um imaginário isolado e específico do imaginário social contemporâneo. Ele é, antes, o fundamento empírico e psíquico e, ao mesmo tempo, a refração cênica – vale a ênfase: na prática – do imaginário *bunker* na civilização glocal avançada. O imaginário *bunker*, este sim – para potencializar ao limite as hipóteses de trabalho –, perfaz a *configuração hegemônica do imaginário contemporâneo glocalizado*. No todo, portanto, o *bunker* interativo é, por assim dizer, este imaginário, o que implica o reconhecimento de que *o imaginário epocal típico, aquele da cibercultura, corresponde*

ao imaginário *bunker*, doravante o principal vetor de militarização imperceptível da vida cotidiana.

Nessa perspectiva, os pressupostos contextuais e relacionais da cena *bunker* e do imaginário *bunker* na cibercultura – vale dizer, os pressupostos do *teorema pragmático silencioso do bunker ciberespacial* – ficam assim cartografados: a vida social e subjetiva é para ser paradoxalmente vivida não às expensas, mas à revelia da materialidade da existência, como se o vivido no campo próprio, para abrigar os fulgores da celeridade, tivesse de (e pudesse a todo o tempo) se nutrir dessa *utopia prático-mediática corrente*, a da suspensão completa da lentidão do átomo. O mundo mediato é para ser experienciado na, pela e/ou a partir da rede sociotecnológica que o expõe e que nele se converteu. A cidade é para ser vivida na, pela e/ou a partir da espacialização da tela. A alteridade é para ser apropriada no, pelo e/ou a partir de espectros, signos mediáticos (informações, imagens e/ou sons). O corpo, o si-próprio e o campo próprio são para ser vividos *necessariamente* por mediação da tecnologia digital em espaços de confinamento prazerosos, e assim por diante.

3.3 Linguagem matricial de equivalência generalizada

Como não poderia deixar de ser, o *bunker* da cibercultura e a sua refração processual, a *bunkerização ciberespacial*, aprofundam, diversificam e universalizam o *status* do *bunker* como linguagem. Dada a urdidura de ambos no imaginário mediático – a qual conserva, pelo visto, concentrada carga de significação social-histórica –, sob a égide da própria *gramaticidade consuetudinária das modalidades conexas de bunker* (geográfico-arquitetural, espaço-ambiental, físico-objetal, prático-procedimental e psíquico-relacional), o *bunker* glocal e a bunkerização glocalizada, na medida em que obviamente significam *per se*, projetam-se no cenário social-histórico e tecnocultural como *linguagem matricial de equivalência simbólica generalizada*. Nesse aspecto, ambos se confundem na mesma direção.

No âmbito do presente estudo, o conceito de linguagem, em estrita identidade com a natureza do objeto em jogo, deve ser tomado em sentido extenso, heterodoxo e abstrato, na qualidade de um *código cifrado*

e silente que traduz, em bloco – sem se auto-esclarecer socialmente –, a tendência de arranjo predominante (sociotecnológico, simbólico e imaginário) do processo civilizatório; ou, de outro ângulo, (na qualidade) de um conjunto de elementos simbólico-expressivos e empírico-funcionais capazes de encerrar, em seu modo de existência e representação, o *sprit du temps*, no que ele tem de mais opaco, significativo e distintivo, embora eventualmente não de todo original.

O arco paraetimológico de iluminação epistêmica projetado por esse conceito consegue apreender a significação do *bunker* interativo e da bunkerização ciberespacial ao nível social-histórico. Ele alcança, nesse nível, a *dimensão de macrovalor de troca de ambos os fenômenos*. Como pressão de contexto, na forma de um convite sedutor, inaudível e aparentemente insignificante, na direção de um padrão de relação conservadora com o mundo, com a vida social, com a alteridade e/ou com o si-próprio – vale lembrar, do *ethos-habitus* de tratamento de tudo à distância, em refúgio e sob completa assepsia da materialidade da existência, via *media* e redes digitais –, o processo de bunkerização glocalizada se assemelha a uma *moeda invisível de comutação em cadeia ou, em outras palavras, um código tecnocultural de tradutibilidade universal*: na cibercultura, se tudo passa por seu *bunker* típico, ele mesmo, por seja qual for a característica, verte-se em tudo; se nem todos os processos e fatores sociais se convertem, eles mesmos, em *bunker* (dado que este prefigura um contexto mediático pontual, o glocal), tudo, com efeito, insere-se (ou tende a compulsoriamente se inserir) no processo de bunkerização e com ele se permuta, enquanto ele barganha e rubrica, por sua vez, as trocas interativas. Esse *jogo de permutabilidade pré-simbólica* patenteia e especifica, em reverso, a operação social-histórica da própria cibercultura nesse âmbito: ao reescalonar, aprofundar e diversificar o fenômeno glocal e conceder sobrevida infinda à identidade do *bunker*, ela o catapultou, nessa modalidade de linguagem atípica, à condição de *equivalente geral do imaginário glocal atual*.

O *bunker* glocal comparece, assim – e não por acaso –, como uma *linguagem-mor de sintetização de toda uma época*. Dentre as linguagens digitais emergentes, tomadas em sentido ordinário – as submetidas à *lógica da reciclagem estrutural contínua* e que se encerram no conceito de so-

ciossemiose plena da interatividade (Trivinho 2007a: 133-180) –, o *bunker do cyberspace* é a linguagem na qual todas se entrelaçam, se sumariam e precipitam a sua razão de ser e a sua destinação. Ele vigora, por assim dizer, como a *quintessência operacional* dessas linguagens. Nesse sentido, não equivale senão a um *signo sinedóquico de todas as necessidades e exigências contextuais (sociotécnicas, subjetivas e comportamentais)* para se chegar até ele e/ou para ativá-lo, em prol da reprodução social-histórica da cibercultura. Numa metáfora – a princípio teoricamente problemática, mas sem dúvida expressiva –, é como se esse *bunker* representasse o “*discurso*” *pré-simbólico ativo do mundo digital*, falando em bloco de si sem obviamente nada falar, entregando-se por inteiro, por assim dizer, a céu descoberto, sem se entregar, (como se o fizesse) diretamente a partir de seu próprio modo de arrançamento interno e de sua inserção no processo civilizatório.

Essas referências retratam bem o quanto o *bunker virtual constitui, na verdade, um macroacontecimento tecnocultural*. Nessa condição, esse *bunker* se põe como o *talhe sine qua non de possibilidade*, o ponto irreduzível de início e de chegada, da *dromocracia cibercultural*, a *dinâmica social transpolítica* na qual e pela qual a cibercultura se realiza como época histórica (Trivinho 2007). Espectro espargido, ele sobretermina, por sua *ascendência privilegiada como pressão por arrançamento sociotécnico e subjetivo qualificado*, os elementos estruturais do *modus operandi sociodromocrático da cibercultura*, presidindo a sua equação inflexível: a prerrogativa social de *acesso à posse privada plena das senhas infotécnicas de acesso à vida digital e virtual* (ibidem) não leva senão ao *bunker do cyberspace* e, a rigor, nem pode, antes de tudo, se realizar senão nele e a partir dele.

Referências bibliográficas

- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CELAN, Paul. *Cristal*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

- GUILLAUME, Marc. “Téléspectres”, in *Traverses*, nº 26, out. 1982, p. 18-28.
- . “La signification sociale des nouvelles télétechnologies”, in *Comunicação & Política* – Revista do Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos. São Paulo, Oito de Março, vol. 9, nº 2-4, jun.-dez. 1989a, p. 79-86.
- . *La contagion des passions: essai sur l'exotisme intérieur*. Paris: Plon, 1989b.
- HABERMAS. *A crise de legitimação no capitalismo tardio*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.
- JEUDY, Henri-Pierre. *La peur et les média: essai sur la virulence*. Paris: PUF, 1979.
- KROKER, Arthur & KROKER, Marilouise. *Hacking the Future: Stories for the Flesh-eating 90s*. Nova York: St. Martin's Press, 1995.
- LASCH, Christopher. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- . *Refúgio num mundo sem coração: a família, santuário ou instituição sitiada*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- MANDEL, Ernst. *O capitalismo tardio*. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MARCUSE, Herbert. *Ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.
- NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *Império*. 3. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2001.
- TRIVINHO, Eugênio. *Cyberspace: crítica da nova comunicação*. São Paulo: Biblioteca da ECA-USP, 1999. 466 p.
- . *O mal-estar da teoria: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.
- . *A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada*. São Paulo: Paulus, 2007a.
- . “Cibercultura e existência em tempo real: contribuição para a crítica do *modus operandi* de reprodução cultural da civilização mediática avançada”, in *E-compos* – Revista da COMPÓS – Associação Brasileira de Programas de Pós-graduação em Comunicação, São Paulo, nº 9, ago. 2007b. Disponível em: <http://www.compos.org.br/files/01ecompos09_EugenioTrivinho.pdf?PHPSESSID=13639fd47c902fb084ddf288061f7639>. Acesso em: 28/1/2008.
- TRIVINHO, Eugênio & LOPES, Dirceu Fernandes. *Sociedade mediática: significação, mediações e exclusão*. Santos: Leopoldianum, 2000.
- VIRILIO, Paul. *Bunker Archéologie*. CCI, 1975.
- . *Défense populaire et luttes écologiques*. Paris: Galilée, 1978.
- . *L'horizon négatif: essai de dromoscopie*. Paris: Galilée, 1984a.
- . *Guerra pura: a militarização do cotidiano*. São Paulo: Brasiliense, 1984b.
- . *Velocidade e política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996a.
- . *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996b.
- . *A bomba informática*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999c.

